



Revista: Vida Executiva
Matéria: Feitos um para o outro...
Abril / 2007 - Página 62 a 65
Repórter: Bruno Athayde



Feitos um para o outro...

Trabalhar com quem você gosta e manter uma relação afetiva tem lá suas armadilhas, mas com equilíbrio é possível

NA RIQUEZA OU NA POBREZA, NA SAÚDE E NA DOENÇA E ATÉ NO TRABALHO. Mesmo com a recomendação de algumas empresas, as razões do amor falam mais alto para algumas pessoas. Elas arriscam a carreira em nome do amor e constroem um relacionamento forte, muitas vezes até elogiado pelo chefe. Mesmo com a proibição como norma de algumas corporações, casais se formam e acabam aprendendo a viver juntos o dia inteiro.

Para a médica psiquiatra Elizabeth Zumerul, autora do livro *Corações Poderosos*, trabalhar em um mesmo local é um grande desafio tanto para mulheres quanto para homens, já que as pessoas têm dificuldades de desempenhar bem dois papéis simultaneamente, mesmo em ambientes básicos diferentes. “Não é grande o número de indivíduos que têm a maturidade necessária e a capacidade de separar tão bem. E não se trata de afirmar ser bom ou ruim”, afirma Elizabeth.

Cíntia e Júlio

Cíntia Maria de Oliveira Alves, 33 anos, e Julio César Dias, 33, estão casados há cinco. Trabalham juntos há sete e meio. Quando se conheceram, não acreditaram na possibilidade do relacionamento dar certo. “Achávamos que não seria viável, ainda mais um sendo subordinado ao outro”, lembra Cíntia, hoje gerente nacional da Rent Power & Rossetti, empresa de Marketing e Consultoria. Mas há sete anos, ela era a subordinada ao Júlio. A história dos dois começou no final de 1999, quando Cíntia foi entrevistada pelo até então desconhecido Júlio. “Ele tentou me descartar depois que comentei sobre a possibilidade de ser contratada por outra empresa. A primeira impressão foi péssima. Saí da entrevista indignada, achando que havia acabado de conhecer a pessoa mais grossa do mundo”.

Ao ser chamada para o treinamento, porém, descobriu outro Júlio. “Cada vez que nos encontrávamos meu coração parecia sair pela boca e sempre me empenhava em ser a melhor possível”. Para Júlio, o grande conflito veio depois. “Foi um período muito difícil para ambos, pois não era uma situação fácil de se administrar, mas o envolvimento foi surgindo cada vez mais forte e chegou um momento em que não dava mais para segurar. Resolvemos conversar com os diretores da Rent Power e Rossetti”.

Hoje, a harmonia foi conquistada e os dois sabem conviver sem misturar as coisas. Os beijinhos acontecem, mas ambos são categóricos ao afirmar que tentam evitá-los. “Às vezes sai sem querer”, conta Cíntia.

Para o casal, a rotina não cansa, mesmo porque ela assumiu o cargo de gerente nacional. “Viajo muito, mas estamos sempre nos falando”. As duas dicas fundamentais deles são: diálogo e a resolução dos problemas juntos. Cíntia e Júlio perceberam também que o profissionalismo acabou conquistando os diretores da empresa.

Apesar da falta de maturidade, é comum para homens e mulheres se apaixonarem no ambiente de trabalho. Segundo pesquisa da especialista Shere Hite, autora do livro *Sexo e Negócios* e do famoso *O Relatório Hite*, mais de 62% dos profissionais de todo o mundo revelaram já terem tido algum “affair” com um colega ao lado ou de outro departamento.

Mas o que torna o ambiente profissional tão propício à paquera e também ao desenvolvimento de relações afetivas? Além de ser o local onde passamos boa parte da vida, é mais seguro para buscar parceiros, pois há a oportunidade de observar o comportamento antes do envolvimento real.

Embora no passado todas as empresas restringissem os relacionamentos, hoje algumas já aceitam sem grandes dificuldades casais ou dupla de parentes. E quando a relação surge após a admissão, é até mais provável de aceitá-la.

Mas há casos delicados. Quando um ou os dois não são solteiros e se configura uma traição ou mesmo no caso dos profissionais serem de áreas confi- denciais como na auditoria.

A distância entre os dois no ambiente está diretamente ligada a maior ou menor permissão. Em casos de pessoas do mesmo setor, especialmente se um dos dois for o chefe, a probabilidade de ocorrer um problema é grande. Se ambos possuírem funções em setores mais distantes e sem questões hierárquicas, pode não haver grandes dificuldades e as objeções desaparecem.

Nas corporações onde há restrições, se o relacionamento terminar em casamento, um dos dois precisará sair. O casal deve descobrir as normas da empresa e procurar respeitá-las. “Cada um precisa se comportar de maneira profissional e madura, separando o máximo possível os papéis. Portanto, estas devem ser as bases e critérios para cuidar do comportamento pessoal, com muita discrição”, observa a psiquiatra Elisabeth.

Caso um dos dois seja gerente ou diretor de determinado departamento, os especialistas recomendam ao outro uma solicitação de transferência, assim conseguirá evitar comentários maliciosos dos colegas e associação com qualquer promoção.

O romance não deve ser escondido, principalmente do chefe, pois poderá gerar mais fofoca. Demonstrações de afeto, apelidos carinhosos, excessos nas festas e nos happy-hours, discussões, cenas de ciúme, troca de e-mails sobre temas picantes e comentários a respeito da vida íntima do casal devem ser evitados. E a psiquiatra alerta: “Beijo na boca é mortal”.

Segundo Ailton Amélio, em seu livro *O Mapa do Amor*, as vantagens para os casais de uma mesma empresa são a motivação e a transformação do ambiente num local mais agradável. As desvantagens são o “viver o trabalho 24 horas” e a exposição às fofocas e aos comentários maldosos dos colegas, além da discriminação.

Histórias de casais bem-sucedidos numa mesma profissão são muitas. Apenas para citar dois exemplos amplamente divulgados pela mídia, temos William Bonner e Fátima Bernardes e Tarcísio Meira e Glória Menezes. Fora da mídia, fomos buscar exemplos de casais que hoje aprenderam as regras de convivência 24 horas por dia.

Para René Werner, especialista em Governança Familiar e Corporativa, os casos são cada vez mais comuns e têm aumentado à medida em que o espírito empreendedor se torna mais necessário para criar condições de crescimento patrimonial. “Devese evitar trazer conflitos de casa para o trabalho e vice-versa, ter uma vida social independente do trabalho para evitar excesso de interferência e separar bem os aspectos pessoais e profissionais”.

A chave, portanto, para não prejudicar a carreira nem mesmo a relação afetiva, é encontrar um limite entre os dois aspectos quando se está em ambientes profissionais e até mesmo na cama, na hora de dormir, afinal, não há nada mais chato do que uma briga entre os lençóis por causa de um problema ocorrido no escritório.

Agora, quando um conflito for inevitável no local de trabalho, ainda que por questões pessoais, o melhor é lembrar que um agravamento da situação poderá por em risco a carreira dos dois.

Gisela e Airton

Gisela Del Puerto Jardim, 42, e Airton Ferreira de Souza, 43, são casados há 13 e não se conheceram na repartição. “Há três anos, foi criada na Prefeitura de São Paulo a Coordenadoria de Assistência e Desenvolvimento Social. Eles precisavam de alguém para assumir o Departamento de Cultura e acabei sendo indicada pelo meu marido”.

No começo, o casal acreditou na tranqüilidade devido ao profissionalismo e comprometimento dos dois, mas as coisas não acabaram tão bem assim. A rotina se tornou maçante e desgastante. Foi preciso a mudança dele para outro setor.

Como as brigas começaram a se tornar constantes, a própria chefe de Gisela sugeriu a transferência de departamento. Tudo pela paz matrimonial e ambos conseguiram chegar a um acordo. Para alívio do casal, a situação melhorou. Apesar dos beijinhos serem proibidos, a maneira carinhosa de se referir ao outro e os apelidos acabam escapando. “Chamo o Airton de Bebê ou apenas de Bê”, diverte-se Gisela. Para os dois, a melhor maneira de não perder o emprego ou dar um fim ao casamento é mantendo a individualidade. “Levantar, tomar café junto, chegar ao trabalho, almoçar e ir para casa juntos pode parecer uma rotina difícil, mas com boa dose de humor e muita administração de discussão de relação, tudo é superado”, acredita Airton.